

AQUILOMBAMENTO NO ENSINO SUPERIOR: PRESENÇA QUILOMBOLA E DISPUTAS NO ESPAÇO ACADÊMICO

Lucas Eduardo de Sousa
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Ceará – Brasil
Email: lucaaseduardogp@gmail.com

Samora Caetano
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Ceará – Brasil
Email: samoracaetano@ufc.br

Resumo

Este trabalho objetiva analisar de que forma a presença de estudantes quilombolas em uma universidade pública contribui para a constituição de práticas de aquilombamento no espaço acadêmico. Parte-se da ideia de que o acesso ao ensino superior, no Brasil, não ocorre de maneira espontânea, mas se constrói a partir de trajetórias coletivas marcadas por luta e mobilização. Nesse cenário, o aquilombamento aparece não apenas como referência histórica, mas como prática viva, que organiza relações, sustenta permanências e dá sentido às experiências no cotidiano universitário. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com base em questionários aplicados a estudantes quilombolas. As análises buscaram acompanhar o que se repete nas narrativas e como, nelas, se revelam formas de organização coletiva. Os achados mostram que essa presença não se limita ao ingresso formal. Ela atravessa o cotidiano acadêmico, fortalece vínculos, cria redes de apoio e tensiona modos estabelecidos de produzir conhecimento. Nesse movimento, estudantes quilombolas deixam de ocupar um lugar passivo e passam a atuar na construção da própria universidade.

Palavras-Chave: Aquilombamento. Estudantes quilombolas. Ensino superior. Permanência acadêmica.

QUILOMBO FORMATION IN HIGHER EDUCATION: QUILOMBOLA PRESENCE AND DISPUTES IN THE ACADEMIC SPACE

Abstract

This study aims to analyze how the presence of quilombola students in a public university contributes to the constitution of quilombo practices within the academic space. It starts from the idea that access to higher education in Brazil does not occur spontaneously, but is

constructed from collective trajectories marked by struggle and mobilization. In this scenario, quilombo practices appear not only as a historical reference, but as a living practice that organizes relationships, sustains permanence, and gives meaning to experiences in daily university life. The research was developed using a qualitative approach, based on questionnaires applied to quilombola students. The analyses sought to track what is repeated in the narratives and how, within them, forms of collective organization are revealed. The findings show that this presence is not limited to formal enrollment. It permeates daily academic life, strengthens bonds, creates support networks, and challenges established ways of producing knowledge. In this movement, quilombola students cease to occupy a passive place and begin to act in the construction of the university itself.

Keywords: Quilombo formation. Quilombola students. Higher education. Academic retention.

Introdução

Ao longo da história brasileira, o acesso ao ensino superior foi marcado por desigualdades profundas, que atingem com mais intensidade populações historicamente marginalizadas, como as comunidades quilombolas. Mesmo diante de avanços recentes, a presença desses sujeitos nas universidades públicas não pode ser lida como um movimento espontâneo. Trata-se, antes, de um processo construído a partir de lutas coletivas, reivindicações e tensionamentos dirigidos às estruturas institucionais que, por muito tempo, restringiram o direito à educação.

Ferreira (2021), ao analisar a experiência da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), mostra que o ingresso de estudantes quilombolas está relacionado à constituição de redes de mobilizações e disputas políticas no movimento quilombola. Articuladas à organização estudantil e à construção de estratégias coletivas de permanência, sustentadas por vínculos de solidariedade e por reivindicações contínuas por melhores condições de formação.

Nesse cenário, o acesso ao ensino superior não pode ser entendido de forma isolada. Ele se insere em um conjunto mais amplo de disputas sociais, relacionado ao reconhecimento da educação como direito, conforme previsto na Constituição Federal de 1988. Ainda assim, esse direito não se concretiza de modo uniforme. Sua materialização ocorre por meio de políticas de ação afirmativa, como a Lei nº 12.711/2012, e de marcos educacionais voltados às relações étnico-raciais, a exemplo da Lei nº 10.639/2003. Somam-se a essas iniciativas institucionais específicas, como o edital para quilombolas e indígenas implementado em uma

universidade pública internacional, nordestina e interiorizada, resultante das mobilizações do movimento quilombola.

Contudo, embora esses marcos sejam essenciais, observa-se que as pesquisas acadêmicas frequentemente se restringem à burocracia do acesso, negligenciando as transformações estruturais e subjetivas produzidas pela presença quilombola no cotidiano universitário (Ferreira, 2021).

A problemática deste estudo: De que forma a presença de estudantes quilombolas no ensino superior, para além do acesso, produz deslocamentos nas dinâmicas acadêmicas, na produção de conhecimento e nas relações estabelecidas no espaço universitário? Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar de que forma a presença de estudantes quilombolas em uma universidade pública contribui para a constituição de práticas de aquilombamento no espaço acadêmico.

Para tanto, mobilizamos o conceito de aquilombamento como lente interpretativa que ultrapassa o registro histórico, consolidando-se como prática contemporânea de articulação coletiva, resistência e produção de saberes. Ao transpor essa noção para o espaço acadêmico, evidenciamos como estudantes quilombolas organizam redes de solidariedade e relacionalidade, desafiando lógicas dominantes de conhecimento e produzindo outras formas de habitar, aprender e existir no cotidiano universitário (Patrocínio, 2022).

Este estudo parte de uma abordagem qualitativa, orientada pelas experiências de estudantes quilombolas no ensino superior. Mais do que descrever essas vivências, buscamos compreender como elas se organizam no cotidiano acadêmico e que sentidos produzem nesse contexto.

Os dados foram construídos a partir de questionários aplicados a estudantes vinculados à instituição, considerando questões relacionadas ao ingresso, à permanência e à atuação acadêmica. A análise foi conduzida de forma interpretativa, atentando para recorrências nas narrativas e para as formas de organização coletiva que emergem dessas experiências.

O texto está organizado em três partes: uma seção do problema, seguida da discussão do aquilombamento como categoria analítica, posteriormente, análise da presença quilombola no espaço acadêmico, com foco em processos de pertencimento, organização coletiva e reconfiguração das dinâmicas universitárias e por fim as considerações finais.



Aquilombamento: da experiência histórica à categoria analítica

Ao aprofundarmos a reflexão, compreendemos que o aquilombamento não se restringe à sua dimensão histórica, mas se atualiza como prática viva de existência, assumindo novas formas de manifestação política e social. Esse processo de ressignificação torna-se visível quando sujeitos quilombolas passam a ocupar espaços historicamente marcados pela exclusão, como a universidade, onde a afirmação identitária e o enfrentamento ao racismo reconfiguram a resistência ancestral (Souza, 2008).

A pesquisa parte da compreensão de que os quilombos ultrapassam a delimitação geográfica, constituindo-se como espaços de produção de vida, saberes e articulação coletiva, que reafirmam a humanidade e a resistência frente a sistemas historicamente excludentes (Santos e Correia Filho, 2025).

Nessa perspectiva, o conhecimento produzido por sujeitos quilombolas constitui uma trajetória histórica de acúmulo epistêmico que independe da validação institucional, uma vez que essa sabedoria ancestral antecede a própria universidade. Nesse contexto, o aquilombamento no ensino superior configura-se como estratégia política e de cuidado no enfrentamento ao racismo institucional e na valorização de epistemologias historicamente silenciadas. (Santos e Correia Filho, 2025).

Ao trazer essa discussão para o presente, compreendemos que o aquilombamento no ensino superior, materializa-se na formação de redes de apoio, na troca de experiências e na construção de estratégias coletivas de permanência e enfrentamento das desigualdades. Longe de ser apenas teórico, esse processo se ancora nas experiências de estudantes que, ao ocupar a universidade, tensionam estruturas vigentes, problematizam o conhecimento eurocêntrico e afirmam outras formas de produzir saber, configurando o aquilombamento epistêmico (Aguar, 2025).

O aquilombamento consolida-se como ferramenta analítica relevante, permitindo compreender essas ações como estratégias coletivas de resistência, pertencimento e produção de sentidos (Santos e Correia Filho, 2025).

A análise das vivências compartilhadas evidencia que essas dinâmicas se sustentam no acolhimento recíproco, na afirmação da identidade e na mobilização política. Nesse movimento, o aquilombamento atualiza a lógica ancestral dos quilombos como espaço de refúgio, articulação e permanência no ambiente acadêmico (Santos e Correia Filho, 2025).

Ao mobilizarmos o quilombamento como chave de leitura, evidenciamos que as experiências de estudantes quilombolas no ensino superior extrapolam a permanência institucional e apontam para processos de produção de vida e conhecimento.

A presença quilombola e as práticas de quilombamento no espaço acadêmico

Ao deslocarmos a análise do plano conceitual para o das experiências, evidenciamos que a presença quilombola na universidade ultrapassa o acesso formal a uma vaga, incidindo sobre as dinâmicas acadêmicas, o reconhecimento de sujeitos e a validação de saberes. Nesse movimento, o quilombamento se afirma como prática concreta do cotidiano universitário, ancorada em relações e experiências coletivas (Patrocínio, 2022).

Um primeiro aspecto de análise refere-se à experiência de ingresso e à percepção da universidade. Os dados indicam que a entrada no ensino superior é vivida como resultado de trajetórias coletivas marcadas por ausências históricas. Essa compreensão dialoga com estudos sobre a inserção de estudantes quilombolas, que apontam o ingresso, viabilizado por mecanismos como o Processo Seletivo Especial, como expressão de mobilizações por inclusão e justiça racial (Santos e Amaral, 2023).

Nesse contexto, o pertencimento se configura como construção coletiva, mediada pelas relações entre estudantes quilombolas e articulada às práticas de quilombamento como sustentação da permanência. Como relata um dos participantes, “quando a gente se encontra, conversa, compartilha as dificuldades, parece que a gente se fortalece pra continuar”. Essa experiência evidencia que o pertencimento se produz no encontro e na partilha.

Essa leitura dialoga com Santos e Correia Filho (2025), ao compreender o quilombamento como espaço de ancestralidade, resistência e fortalecimento, estruturado como rede de apoio e estratégia de cuidado no ambiente acadêmico.

Entretanto, o ingresso não elimina os entraves estruturais que afetam a continuidade da formação, como o racismo institucional, as barreiras financeiras e as dificuldades de transporte e moradia. Evidencia-se, assim, que garantir a vaga não assegura condições equitativas de permanência no ensino superior. Como relata um dos participantes, “durante muito tempo a gente não se via na universidade, parecia que aquele espaço não era pra nós”. Essa percepção indica que o ingresso quilombola ultrapassa a dimensão individual, configurando-se como abertura de possibilidades para a comunidade (Santos e Amaral, 2023).

Ao mesmo tempo, a presença quilombola tensiona a universidade, evidenciando a persistência de lógicas excludentes, especialmente no reconhecimento de saberes. As falas indicam que o espaço acadêmico permanece atravessado por estruturas racistas e por processos de invisibilização, produzindo experiências marcadas por silenciamento e disputas por reconhecimento.

Nessa direção, Santos e Correia Filho (2025) apontam que as universidades ainda operam como territórios de hegemonia branca, o que contribui para a marginalização de estudantes negros e para a fragilização do pertencimento, dificultando sua inserção plena nas dinâmicas acadêmicas.

A inserção de estudantes negros gera tensões no ambiente universitário, que ainda é regido por lógicas excludentes e pela dificuldade em validar conhecimentos diversos, como os saberes quilombolas. (Oliveira et al, 2022).

Essa realidade evidencia uma estrutura acadêmica marcada pelo racismo institucional e pelo apagamento epistemológico, na qual o espaço universitário opera como um “espaço branco” que nega a legitimidade do conhecimento produzido por sujeitos negros. Tal configuração produz experiências de invisibilização e silenciamento, exigindo que estudantes convertam essas vivências em formas de expressão e enfrentamento nas disputas por reconhecimento e justiça social (Oliveira et al., 2022).

Como destaca outro estudante, “a gente entra, mas ainda precisa provar o tempo todo que sabe, que pode estar ali”. Essa experiência revela que o acesso não elimina as desigualdades, mas inaugura um campo de disputas simbólicas no interior da universidade.

Nesse contexto, o pertencimento se configura como construção coletiva, mediada pelas relações entre estudantes quilombolas e articulada às práticas de aquilombamento como sustentação da permanência. Como relata um dos participantes, “quando a gente se encontra, conversa, compartilha as dificuldades, parece que a gente se fortalece pra continuar”. Essa experiência evidencia que o pertencimento se produz no encontro e na partilha.

Essa leitura dialoga com Santos e Correia Filho (2025), ao compreender o aquilombamento como espaço de ancestralidade, resistência e fortalecimento, estruturado como rede de apoio e estratégia de cuidado no ambiente acadêmico.

Esses vínculos não aparecem prontos. Eles vão sendo construídos no contato entre os próprios estudantes quilombolas, nas conversas, nas trocas e nas experiências compartilhadas ao longo da vida universitária. É nesse movimento que se formam redes de

apoio que, no cotidiano, funcionam como espaços de acolhimento, mas também de enfrentamento Ferreira (2021).

Ao acompanhar esse movimento, percebe-se que esses estudantes passam a ocupar a universidade de maneiras que não se restringem ao acesso formal. A presença em atividades de extensão, na iniciação científica e em programas institucionais vai mostrando um envolvimento que se constrói no percurso, no contato com outros e nas experiências vividas. Com o tempo, já não faz sentido sustentar a imagem de um estudante passivo, pois sua atuação se afirma no próprio cotidiano acadêmico.

Essa dimensão articula-se à noção de “corpos pedagógicos”, na qual estudantes quilombolas se afirmam como sujeitos que ensinam a partir de suas vivências, tensionando conteúdos, currículos e relações no espaço acadêmico. Como expressa um dos participantes, “a gente também ensina, a gente traz nossa história, nossa vivência, isso também é conhecimento”.

Nesse movimento, evidencia-se a reconfiguração do espaço acadêmico. A presença de estudantes quilombolas amplia a diversidade e tensiona os padrões tradicionais de validação do saber científico. Como destacam Fôlha e Rocha (2023), o racismo institucional e os processos históricos de opressão têm buscado deslegitimar a capacidade de produção científica de sujeitos negros. Nesse contexto, o reconhecimento dos saberes quilombolas na academia configura-se como um embate político e epistemológico.

Santos e Correia Filho (2025) argumentam que a resistência das instituições universitárias em dialogar com saberes não hegemônicos contribui para a perpetuação do epistemicídio. Essa postura revela um fechamento às epistemologias diversas e mantém a universidade como espaço de reprodução de lógicas eurocêntricas, dificultando a inclusão de múltiplas perspectivas e vivências.

Ao tensionarem epistemologias dominantes e afirmarem outras formas de saber, esses sujeitos produzem deslocamentos que atravessam a universidade em suas dimensões simbólica, pedagógica e política. Nessa direção, o aquilombamento acadêmico pode ser entendido como um processo que envolve pertencimento, redes de apoio, participação ativa e deslocamentos epistemológicos, revelando a presença quilombola como força que reconfigura o espaço acadêmico.

Por fim, a análise aponta para uma agenda de pesquisa ainda em aberto, sobretudo no que diz respeito à compreensão dos efeitos pedagógicos e epistemológicos dessa presença.

Mais do que destinatários de políticas públicas, estudantes quilombolas se afirmam como sujeitos que produzem universidade, ampliando seus limites e possibilidades.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar de que forma a presença de estudantes quilombolas em uma universidade pública contribui para a constituição de práticas de aquilombamento no espaço acadêmico. A análise permite afirmar que essa presença extrapola o acesso formal e produz deslocamentos nas dinâmicas universitárias, especialmente no que se refere ao pertencimento, à organização coletiva e à reconfiguração das formas de reconhecimento e produção de conhecimento.

Os achados indicam que o ingresso quilombola, longe de representar inclusão institucional, se insere em um processo histórico de luta que tensiona o espaço acadêmico e o reposiciona como campo de disputas. Nesse movimento, o aquilombamento se manifesta na construção de pertencimento, na formação de redes de apoio, na atuação acadêmica e na produção de deslocamentos epistemológicos, revelando-se como prática coletiva que sustenta a permanência e amplia as possibilidades de existência no ensino superior.

Destacamos, ainda, que os estudantes quilombolas ocupam a universidade como sujeitos que produzem conhecimento e tensionam epistemologias dominantes, contribuindo para a reconfiguração das práticas pedagógicas e das formas de reconhecimento acadêmico. Nesse sentido, o aquilombamento se consolida como categoria analítica capaz de compreender transformações que ultrapassam a inclusão formal, evidenciando processos de produção ativa de universidade.

Referências

AGUIAR, Marcela; DA SILVA, Gustavo Simas. Trajetórias de mulheres negras no ensino superior: barreiras, conquistas e caminhos para avanço. **ARACÊ**, v. 7, n. 7, p. 35563-35591, 2025. <https://doi.org/10.56238/arev7n7-024>.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 31 mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 31 mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 31 mar. 2026.

FERREIRA, Antonio Jeovane da Silva. **Afirmando direitos: Uma etnografia da luta quilombola por acesso e permanência no ensino superior cearense—Caso Unilab.** 2021. Tese de Doutorado. Disponível em:

<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2968/1/ANTONIO%20JEOVA NE%20DA%20SILVA%20FERREIRA%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf> Acesso em: 30/01/2026.

FÔLHA, Jardilene Gualberto Pereira; ROCHA, José Damião Trindade. Quilombolas amazônidas nas pesquisas de pós-graduação em educação. **Educar em Revista**, v. 39, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0411.87501>

OLIVEIRA, Rosiane Trabuco et al. Nuanetsi Obá: enfrentamentos e aquilombamento de estudantes negras (os) da Universidade Federal da Paraíba. **Cadernos De Campo (São Paulo-1991)**, v. 31, n. 2, p. 2022. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe203132

PATROCÍNIO, Soraya Martins. Aquilombamentos éticos e estéticos: uma poética-política no contexto das teatralidades negras. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 32, n. 1, p. 255-276, 2022. DOI: 10.35699/2317-2096.2022.35447.

SANTOS, Evelyn Cristina Batista; AMARAL, Assunção José Pureza. DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ-CAMPUS CASTANHAL. 2023. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID3304_TB5190_08122023161123.pdf. Acesso em: 30/01/2026.

SANTOS, Jose Matheus Costa Dos; CORREIA FILHO, Adson Santos. Aquilombamento como estratégia de cuidado e permanência de estudantes negros na Universidade Federal de Alagoas. *Revista Nzinga: Diálogos acadêmicos e lutas sociais dos movimentos negros, periféricos, indígenas e mulheristas.*, v. 1, n. 1, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17013962>.

SOUZA, Bárbara Oliveira. Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro. 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/2130f> Acesso em: 30/01/2026.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). Edital nº 33/2017, de 22 de dezembro de 2017. Processo seletivo específico para quilombolas e indígenas. Redenção: UNILAB, 2017. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp->

content/uploads/2017/12/Edital_33_2017_Quilombolas_Indigenas.pdf. Acesso em: 31 mar. 2026.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE INSTITUIÇÕES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA